



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Notas sobre a emergência de um sagrado contra-hegemônico na arte de Linn da Quebrada e Baco Exu do Blues

Autoria: Paola Lins de Oliveira (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Esta comunicação tem o objetivo de explorar algumas pistas que indicam a emergência de um sagrado contra-hegemônico na obra de Linn da Quebrada e Baco Exu do Blues, artistas que usam a música como principal plataforma de expressão. Diversos autores têm sublinhado os efeitos sociais das parcerias entre arte e política, tanto para o desenvolvimento de novas linguagens e conteúdos artísticos quanto para a lapidação das regras do jogo democrático. Um vetor determinante nesse contexto é o conjunto de reflexões sobre gênero interconectado às lutas e teorias feministas e pelos direitos das pessoas LGBTQIA+, identificados aos estudos queer/cuir. A abordagem interseccional tem orientado ainda outras composições (principalmente raça e classe) para pensar e trabalhar na arte os marcadores sociais que discriminam modos de vida produzidos socialmente como precários daqueles considerados vivíveis. Um elemento pouco considerado nessa equação é a dimensão do sagrado como interface social que tem potencial para contestar a heterossexualidade compulsória associada à branquitude e à masculinidade como paradigmas da vida desejável. Nesse trilho, recupero alguns elementos da obra desses dois artistas que podem ajudar a delinear os contornos de um sagrado feminista, queer/cuir e antirracista. Antes de seguir, algumas palavras sobre eles. Linn da Quebrada, artista multimídia, lançou em 2017 o álbum Pajubá combinando rap e funk. No mesmo ano, Baco Exu do Blues, nome artístico de Diogo Moncorvo, cantor, rapper e compositor, lançou seu primeiro álbum solo, Esú. Além dos nomes, os sinais sagrados se multiplicam em diversas músicas dos álbuns, assim como no mais recente de Baco, Bluesman. Entre versos contundentes que denunciam o extermínio das travestis e transexuais, e que afirmam a importância do enfrentamento, Linn aborda o sagrado em BlasFêmea, título do clipe da música Mulher. Nele, performa uma travesti em becos escuros. ?BlasFêmea é um ato profano de ocupação e invasão?, afirma em uma entrevista. Baco mescla mitologias



afro-brasileiras, romanas e nórdicas para falar de vida, morte, divino, humano, racismo, violência, sexo e amor. Ele canta o torpor da vida minada pelo racismo; a sede de justiça culminando em juízo final, entre outras referências. A trama urbana tem um relevo particular na obra de ambos. É nas ruas que Linn e Baco vislumbram a morte, a violência, o risco de aniquilação. Nelas experimentam o medo e também o desejo, ao mesmo tempo em que inspiram medo e desejo, acionando o mecanismo de atração e repulsão de um sagrado ambíguo e transgressor. Ainda na rua experimentam uma potência transgressora e blasfema que os impulsiona à resistência e reexistência. A proposta é identificar as feições desse sagrado transgressor que emerge à margem do sagrado hegemônico.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: